

03 2015

teens

WORK IN PROGRESS 4 UNITY



Kenya

Normalidade

extraordinária

«Tenham a coragem de ir contra a correnteza. Tenham a coragem de ser felizes». Essas são as palavras de Papa Francisco durante a JMJ de 2013. Mas o que significa ter coragem? Os filmes, os romances, os desenhos que todos os dias povoam a nossa vida, nos levam a acreditar que os verdadeiros corajosos, aqueles “sem medo”, são heróis, em geral dotados de poderes extraordinários, aos quais parece muito simples ser corajosos e realizar ações espetaculares. Portanto, parece que na realidade de todos os dias essa coragem falte. Ao invés, a realidade é cheia de atos de coragem, realizados por pessoas extraordinárias na realidade ordinária, comum. Nikola Kopilovic, um

jovem de 18 anos, de Belgrado, é um exemplo disso; ele está lutando contra uma forma grave de leucemia sem perder a coragem. Ou, então, Pe. Tommaso Danovaro que, na sua paróquia, organizou encontros para explicar aos jovens que é bom não abusar das novas tecnologias.

Outro exemplo de coragem é o que todas as jovens podem dar, ao decidir ter respeito pelo próprio corpo e por si mesmas, como mostra o artigo sobre a moda. E por último, não por importância, os testemunhos de Liliane Mugombozi, jornalista do Quênia, que teve a coragem de desligar os microfones para perceber o sofrimento; e Cristina Calvo, política argentina, que vive e trabalha para combater a pobreza. E nós, temos a coragem de ir contra a correnteza?

Chiara Tosti

2 Normalidade extraordinária

9 Vamos inventar a Paz

3 Celulares e outros

10 Eu estou com Nikola

4 Perceber o sofrimento

12 Não existem escolhas Neutras

7 Bulling

14 Eu e os pobres

8 Um pouco de respeito por favor

Índice

Celulares e outros um diálogo na paróquia

de Don Tommaso Danovaro

Apartir de um vídeo sugerido por *Teens*, um grupo de leitores curtiu uma noite de amizade e partilha. Quem nos conta é o pároco.

Olá,

na nossa paróquia, uma noite de sábado por mês, juntamente com os catequistas, organizamos um programa para os jovens da quinta e sexta série do ensino fundamental (11-12 anos): lanchamos, jogamos, dialogamos, em geral a partir de vídeos breves. Num dos últimos programas, o vídeo sugerido por *Teens* (...) abriu a possibilidade de um diálogo profundo sobre o uso da internet. Os jovens presentes explicaram que todos têm acesso à Internet, principalmente pelo smartphone, recebido de presente na Primeira Comunhão (até a quarta elementar) ou por passar de ano; poucos têm o perfil no *Facebook*, mas todos usam *Whatsapp* e também outros aplicativos, como *Clash of Clans*, que começa como um jogo, mas que tem um chat bem desenvolvido.

Juntos, falamos sobre os aspectos positivos desses instrumentos (nos ajudam a manter vivas as amizades, são divertidos...) e

falamos também sobre os riscos: um dos meninos, jogando o *Clash of Clans*, recebeu perguntas pessoais pelo chat; um outro recebeu o convite para fazer parte de um grupo *Whatsapp* ligado ao jogo, ele deu o número e foi inserido... depois o retirou! Perceberam alguns riscos também com o *Whatsapp*, principalmente quando se passa a fazer parte de grupos dos quais só alguns dos participantes são conhecidos. Alguns relataram experiências negativas que ficaram sabendo de outros; alguém nos contou sobre o encontro com a polícia, organizado pela escola. Um outro tema sobre o qual refletimos, foi o da noite: é difícil tomar a decisão de desligar o celular e frequentemente perdem-se horas de sono. Tem, até mesmo, quem adormece mantendo o celular ligado debaixo do travesseiro... e depois acorda com uma dor de cabeça daquelas! Numa família, ao invés, os jovens decidiram que, antes de ir dormir, os celulares devem ser desligados, e ficam carregando na cozinha. Na manhã seguinte, quando os ligam de novo, ficam surpresos com o horário no qual as mensagens chegaram: realmente tarde demais para jovens que precisam ir à escola no dia seguinte!

AS NOSSAS CONCLUSÕES

- » REFLETIR SOBRE O QUE PUBLICAMOS: QUE SEJA RESPEITOSO EM RELAÇÃO A NÓS MESMOS E AOS OUTROS
- » DAR ESPAÇO PARA OS RELACIONAMENTOS PESSOAIS, FRENTE A FRENTE
- » NÃO FORNECER DADOS PESSOAIS ATRAVÉS DO CHAT E NEM MESMO AOS CONTATOS WHATSAPP QUE NÃO CONHECEMOS PESSOALMENTE
- » FALAR COM OS ADULTOS QUE SÃO DE CONFIANÇA SOBRE COMO ESTAMOS USANDO A INTERNET, PRINCIPALMENTE SE EXISTEM SITUAÇÕES QUE NOS DEIXAM EM DÚVIDA
- » SABER DESLIGAR O CELULAR NA HORA CERTA (À NOITE, POR EXEMPLO): QUANDO OS LIGARMOS NOVAMENTE, AS MENSAGENS AINDA ESTARÃO ALI, TODAS ELAS.



Perceber o sofrimento

Marco D'Ercole

“VOLTEI PARA
CASA SEM
FOTOS NEM
ENTREVISTAS,
PORÉM, DENTRO
DE MIM
ESTAVAM AS
EXPERIÊNCIAS
DELES”

Algumas semanas atrás, o Quênia foi palco de um atentado horrível. Os extremistas somalis do Al Shabaab atacaram o campus universitário de Garissa, provocando 147 vítimas entre os estudantes. Entrevistamos Liliane Mugombozi, jornalista do Quênia, que trabalha para a revista “Cidade Nova”.

Como você reagiu por ocasião do ataque? Você foi ao campo de Garissa depois do atentado?

«Não, não fui a Garissa porque fica longe de onde eu moro, mas fui ao necrotério onde levaram os corpos. Foi uma experiência muito forte: os pais dos jovens estavam ali, numa desolação completa. Um sofrimento enorme. Muitos desmaiavam de dor, e para reconhecer o próprio filho era preciso entrar numa fila... Decide estar ao lado dessas fa-

mília, ajudar na Cruz Vermelha, consolar as pessoas que estão sofrendo».

Como você fez para levar diante o seu trabalho e respeitar o sofrimento?

«Eu fui ali também como jornalista, para buscar algumas informações. Quando cheguei lá, no meio de todo aquele sofrimento, eu vi, de um lado, os jornalistas, que faziam o próprio trabalho com máquinas fotográficas e câmeras e, do outro lado, pessoas num sofrimento terrível. Eu me perguntei o que era mais importante naquele momento: “Essas pessoas estão sofrendo – disse a mim mesma –. Por que ir torturá-los ainda mais com as minhas perguntas?”. Entendi que o meu lugar era com eles, estar com eles em silêncio. Senti que precisava me colocar no lugar deles. Voltei para casa sem fotos nem entrevistas,



porém dentro de mim estavam as experiências deles. Fiquei feliz por ter podido partilhar a dor deles».

Como mediar a tempestividade da notícia com o nosso silêncio?

«É verdade, quando acontece alguma coisa, precisamos ser rápidos em recolher informações e preparar a notícia, porque o mundo está esperando. Para mim, essa tempestividade em dar notícias impede, às vezes, o verdadeiro encontro com as pessoas. Creio que, naquele dia, o que interessava às pessoas não era uma notícia a mais, mas como eu vivi aquele momento. Demorei em fazer o artigo, demorei para “digerir” todo aquele sofrimento e contar o que aconteceu de uma forma melhor. Creio que, estando lá, submersa por muitas informações, havia o risco de dar a ideia de algo fragmentado; ao invés, eu percebi o ponto de vista global. Mas é verdade que, às vezes, a notícia deve ser dada imediatamente, depende dos fatos».

Ao dar a notícia, quais aspectos do ataque terrorista você achou melhor evidenciar?

«Eu quis esclarecer que, mesmo se os terroristas são muçulmanos, não é verdade que se trata de uma guerra entre religiões. Depois desses ataques, alguns líderes muçulmanos convidaram as pessoas a viver pela paz e a buscaram o diálogo com outras

religiões. Não é como muitos meios de comunicação querem impor. Ser muçulmano não é nenhum crime. É uma bela religião. Só que, algumas vezes, por causa da pobreza, e não tendo esperança no futuro, alguns jovens são recrutados por grupos extremistas, que prometem um futuro para eles. Essas pessoas estão prontas a tudo, mesmo porque, para eles, não importa mais viver ou morrer».

Objetivo dos terroristas, em geral, é chamar a atenção sobre os fatos que realizam e semear medo. Você não acha que seria melhor evitar dar uma atenção excessiva a eles para não ajudá-los nisso?

«É verdade, isso é muito importante. Fico contente que os jovens pensem assim. É preciso refletir sobre aquilo que está acontecendo, porque o objetivo deles é aterrorizar. E talvez esse medo nos leve a encontrar os culpados, a acusar as pessoas de outras religiões».

Sabemos que também no Quênia existem muitos jovens que, como nós de Teens, querem viver por um mundo unido. Nesse período, como eles viveram, fizeram algumas atividades?

«Fizeram muitas e muitas atividades! Muitos jovens ficaram ao lado dos que estão sofrendo, foram ao necrotério e ajudaram a Cruz Vermelha. Os maiores ajudaram a arrumar os corpos, ou sustentaram os familiares



na hora de reconhecer os filhos. Espalharam pelas redes sociais muitas mensagens, para dizer que não podemos deixar que os preconceitos prevaleçam, dando logo a culpa a todos os muçulmanos. Eles se ajudaram e deram coragem uns aos outros para não ceder ao medo diante de anúncios de prováveis ataques futuros».



Terra de Beleza

JOVENS **CONSTRUTORES DO DESENVOLVIMENTO,**
PROMOTORES DO FUTURO EM SUA TERRA

Um projeto de lei elaborado pelos estudantes da Campânia (região da Itália) para olhar o futuro com otimismo é aprovado pelo conselho estadual.

Falar de “beleza” para salvaguardar o nosso futuro? Claro, um pensamento desse tipo nunca tinha passado pela cabeça antes! Mas, neste ano escolar, a ideia de apresentar um projeto de lei à região da Campânia nos levou a refletir e a “quebrar a cabeça” na busca de uma ideia original, admissível e realizável concretamente em nossa região, no contexto do Projeto “Jovens na sala de aula”, que envolveu os estudantes das classes E-H do Instituto “Ludovico da Casoria”, acompanhados pela professora Maria Grazia Fiore e Olimpia Ondoso. Mas por que justamente a beleza? Fácil: porque a beleza é a principal característica da nossa região, principalmente da cidade

de Nápoles. E concentrar a atenção na beleza é um objetivo fundamental para entender como a nossa região pode reencontrar as ideias e a força para olhar o futuro com otimismo. Ou seja, ter de mira o positivo, não para cancelar definitivamente a ideia da Campânia como a “Terra dos Fogos”, mas numa ótica de reconstrução sobre o orgulho e a identidade daquilo que temos de mais bonito. De fato, cultura e beleza são um fator decisivo sobre o qual construir o nosso desenvolvimento: a nível cultural e social, esses conceitos contêm o que há de melhor na nossa identidade e na nossa história. Mas, então, quais são as nossas propostas concretamente? Primeiramente, instituir a Jornada Regional da Beleza no dia 2 de maio, todos os anos, a partir de 2016; uma jornada que tem

por objetivo criar um momento precioso de reflexão para os cidadãos da Campânia, sobre gestos e ações cívicas que possam promover a beleza e fazê-la reviver na nossa região, assim como a natureza revive na primavera. Além disso, propusemos a criação de um Observatório Regional sobre a Beleza, que tem por objetivo evidenciar e potencializar os contextos principais nos quais se desenvolve um civismo sadio, para tutelar a Beleza e difundir as práticas boas. Esse Observatório será composto por representantes da Câmara e da Prefeitura, institutos de pesquisa, associações e sociedade civil, estudantes de todos os anos, que se distinguiram pelo senso cívico ou por propostas originais de atuação orientadas a isso. É bom dizer, com uma pitada de orgulho sadio, que a nossa ideia agradou imediatamente, e muito! A nossa dirigente escolar, Maria Grazia Puzone, a

DESBULMIAR-NOS

ALGUNS CONSELHOS ÚTEIS E
POSSÍVEIS SOLUÇÕES.
O QUE NÓS JOVENS PODEMOS FAZER?

primeira a quem apresentamos o projeto de lei, nos parabenizou e nos estimulou a enfrentar o teste da discussão da Câmara Estadual, na sede da região da Campânia. O presidente da Câmara, Antonio Nocerino, que presidia a sessão, nos garantiu o seu apoio pessoal para que a nossa ideia se torne lei. Satisfação plena de todos, portanto, mas também muito divertimento para nós, estudantes: os encontros de tarde, realizados com troca de ideias e brincadeiras divertidas, a socialização com os estudantes da nossa escola, o fato de arriscarmos para demonstrar aos adultos o quanto podem ter valor as ideias simples dos jovens, que em geral são deixadas de lado justamente para promover os projetos complexos e elaborados dos adultos. Finalmente, ao final dessa experiência única e emocionante, gostaríamos de ouvir falar de uma Campânia que, apesar dos problemas e um passado indecente, procura renascer concretamente. E gostamos demais da ideia de talvez ter contribuído, do nosso ângulo, para dar um impulso nesse sentido: a Campânia como Terra de Beleza e nós jovens como motor do futuro!

A Prefeitura de Latina (região da Itália) realizou um projeto de informação e prevenção que envolve jovens e famílias.

Bulimia, o que fazer? Uma pergunta para a qual a assessoria da Secretaria da Cultura da Prefeitura de Latina respondeu com um projeto original, do título: “Vamos ‘desbulmiar’ - imaginação e ação contra o abuso nas escolas”. Esse projeto, direcionado aos alunos do ensino fundamental, foi criado para sensibilizar e informar, oferecendo às crianças e às famílias dicas úteis para controlar o bullying. Financiado também pela região do Lazio, o projeto “Vamos desbulmiar” contou com a realização de oficinas de teatro e de processamento de vidro, além de uma campanha nas escolas, juntamente com a

distribuição de um folheto com muita informação sobre o bullying: o que é, por que ele se manifesta, quem é o “valentão” e quem é a “vítima”, como se defender, quem pode nos ajudar.

Esse folheto contém também conselhos úteis para as famílias, dentre os quais o jeito certo para detectar o motivo dos atos de bulimia, as possíveis soluções e a prevenção que devem existir nas escolas e nas famílias. Além disso, constam alguns números úteis: polícia, corpo de bombeiros, assistência médica, um número de telefone de emergência, além de uma central de atendimento “SOS Bullying” da cidade de Latina, para o qual as crianças e os jovens podem ligar até dezembro de 2016. Parte do projeto foi concluída, mas nós jovens podemos continuar nossos esforços denunciando atos de bulimia e, assim, termos entre nós um mundo de paz.

O QUE É BULIMIA

É uma manifestação particular de agressão, realizada por um ou mais indivíduos (bulli) contra um ou mais indivíduos (vítimas). Existem três formas principais de bullying:

Bulismos direto: inclui ataques explícitos contra a vítima, e pode ser físico ou verbal;

Bulismos indireto: prejudicar a vítima em suas relações com outras pessoas, por meio de atos como a exclusão do grupo ou isolamento; espalhar boatos e calúnias sobre aquela pessoa, danificar as suas relações de amizade;

Cyberbulismo: essas ações de bullying podem ocorrer através da Internet (e-mail, redes sociais, chat, blog, fórum) ou através do telefone.

Um pouco de respeito, por favor!

COMO ENCONTRAR UM
EQUILÍBRIO ENTRE A
LINHA COOL
E O RESPEITO PELO
PRÓPRIO CORPO

de Elisa Ghiadoni

Você está em busca de uma roupa prática para o verão? A moda aconselha os shorts, mas cuidado para que não sejam... too short!

Nos últimos tempos, por onde olhamos, vemos as jovens vestindo shorts, aliás, shorts ultra curtos. Coloridos, estampados, jeans, rasgados, decorados, existem de todos os tipos e para todos os gostos. Visto que agradam e todas o usam, mesmo se sabemos que são exageradamente curtos dizemos que são práticos, que são perfeitos para o verão, ou que... «uma vez só, dá para usar». Desculpem, meninas, mão não é assim! Essas roupas curtas demais não só são vulgares, mas passam uma mensagem muito explícita a quem está olhando. É bom lembrar que quem nos olha não vê os nossos lindos

shorts, mas as nossas pernas, o nosso corpo. Queremos realmente vendê-lo a baixo custo para estar na moda? Agora que vocês não são mais crianças e começam a se tornar mulheres, é preciso começar a se fazer essa pergunta, antes de tudo pela própria dignidade, e também porque não são só os amigos e colegas que veem vocês, mas também homens jovens e adultos, que poderiam ter maus pensamentos. Com isso, não quero dizer que é preciso se cobrir, mas encontrar o justo equilíbrio que leve em conta o respeito pelo próprio corpo e que transmita uma imagem correta de vocês mesmas. Lembrem-se sempre: no caso das minissaias e dos shorts, o comprimento faz a diferença!

CORREÇÃO DO LOOK:
Se vocês já compraram esses shorts, e são curtos demais, deixem para usá-los no inverno com calça legging por baixo. Qualquer cor dá certo, mas evitem as meias de renda ou transparentes, porque fica meio vulgar.

POR UM MUNDO UNIDO

ATRAVÉS DE PALAVRAS E IMAGENS,
ACONTECIMENTOS E TESTEMUNHOS

VAMOS INVENTAR A PAZ

MARIA VOCE, PRESIDENTE DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES, FOI CONVIDADA, NO DIA 22 DE ABRIL, A FALAR EM NOVA IORQUE, NA SEDE DAS NAÇÕES UNIDAS. PUBLICAMOS UM TRECHO DO SEU DISCURSO

Diante de um fórum amplo e inclusivo, não posso evitar uma pergunta: a ONU não deveria repensar sobre a sua vocação, reformular sua missão principal?

O que significa, hoje, ser a organização das **"Nações Unidas"**, se não for uma instituição que realmente se esforça para a unidade das nações, respeitando a rica identidade delas? Certamente, é essencial trabalhar para a manutenção da segurança internacional, mas a segurança, embora essencial, não é necessariamente equivalente à paz. Os conflitos internos e internacionais, as profundas divisões que registramos em escala mundial, juntamente com as grandes injustiças locais e planetárias exigem, de fato, uma verdadeira conversão em ações e decisões de governança global, que realize o lema lançado

por Chiara Lubich neste lugar em 1997, **"amar o país do outro como o próprio"** até à edificação da fraternidade universal. (...) O que fazer, então? Chiara Lubich escrevia isso com esperança e convicção firme após os atentados de 11 de setembro de 2001 e as intervenções militares no Afeganistão (2001) e Iraque (2003):

"Não vamos nos render! (...) Há muitos sinais, para que, da grave situação internacional, possa finalmente emergir uma nova consciência da necessidade de trabalhar juntos para o bem comum, povos ricos e menos ricos, com armas sofisticadas ou não, confessionais ou não, com a coragem de **"inventar a paz"**. Terminou o tempo das "guerras santas". A guerra nunca é santa, e nunca foi. Deus não quer isso. Somente a paz é verdadeiramente santa, porque o próprio Deus é a paz."



UM JOVEM DE 18 ANOS, DE BELGRADO, ESTÁ LUTANDO CONTRA UMA **GRAVE DOENÇA**. MUITOS JOVENS DO MUNDO INTEIRO ENCONTRARAM UM MODO PARA ESTAR PERTO DELE

Nikola Kopilovic é um jovem de 18 anos, de Belgrado/Sérvia, que, há alguns meses, está lutando com uma forma grave de leucemia. Um dia, ele enviou a alguns amigos uma foto do hospital onde estava fazendo o tratamento, usando uma máscara. Um amigo respondeu com uma foto na qual ele também a estava usando, com uma escrita: "I'm with Nikola", "Eu estou com Nikola". Essa ideia se espalhou pelas redes sociais:

muitos jovens de várias partes do mundo enviaram a Nikola a própria foto para garantir-lhe o apoio, o afeto, as orações. Nós, de Teens, fizemos uma entrevista com ele.

Quando e como começou a doença?

«Tudo começou no final de outubro de 2014. Enquanto eu estava no cinema com a minha irmã, comecei a sentir dor num dente que já iria ser extraído mesmo. Achei que era normal, só que nos dias seguintes a bochecha esquerda inchou muito, eu não conseguia nem comer

nem dormir. Sentia muita dor. O dentista me aconselhou ir ao hospital. Cuidaram da infecção na boca, mas depois perceberam que alguma coisa não estava bem nos exames de sangue. E continuaram a averiguar».

O que você pensou quando soube que era leucemia?

«Não pensei nem senti nada, com certeza porque eu não sabia nada sobre essa doença e não imaginava o que iria passar: a quimioterapia e as complicações que acarreta, os riscos e as implicações de um tratamento que dura vários meses. Quando entendi melhor e comecei a quimio, aí me vieram os pensamentos mais negros. Sou cristão, mas comecei a duvidar de Deus, a questionar por que estava acontecendo aquilo justo comigo, o que eu tinha feito de errado. Será se Ele tinha me abandonado? Depois, entendi que essa doença era justamente uma mensagem de Deus para mim. Tudo aquilo que acontece tem um motivo».

O que significa que essa doença tem uma mensagem de Deus para você?

«Eu senti a presença de Deus de uma maneira muito forte, Ele está sempre ao nosso lado. De certa forma, eu sinto gratidão por ter essa doença, porque me despertou daquela vida vazia que passava diante dos meus olhos, me converteu e mudou a minha visão do mundo. Agora olho tudo de um modo mais sereno. Depois, parei de fumar e estou muito orgulhoso disso.

Conheci pessoas muito queridas, fiz boas amizades no hospital. Num dia ensolarado, eu abri a janela e vi passar uma das enfermeiras do

hospital: nos cumprimentamos. Desde então, entendi que a felicidade está nos pequenos gestos de atenção, como esse. Acho que Deus nos ama imensamente e para cada um tem um plano diferente. Conheci um rapaz de 25 anos, com a mesma doença que eu, que morreu e estava esperando a chegada de um filho. Chorei quando soube, e me perguntei por que sou diferente dos outros, com tanta sorte. Não estava conseguindo aceitar. Soube também que, para o transplante de medula, sou compatível com um irmão e com uma irmã; isso é muito raro e diminui o tempo do tratamento e as probabilidades que a doença retorne. Por isso sou muito agradecido, também por todas as orações que realmente estão sendo ouvidas».

Como você vive esses dias de hospital?

«Comecei a ler alguns livros e, se há outros jovens no hospital, fazemos companhia uns aos outros, e o tempo passa rápido, compartilhamos nossas experiências. Meu irmão deixou comigo o computador dele e tenho também uma TV. O meu pai, por causa de uma doença parecida com a minha, 4-5 vezes por mês vem ao hospital onde estou e nos encontramos. Transcorro muito tempo em oração».

O que você diz dessas mensagens que recebe do mundo inteiro pelo Facebook?

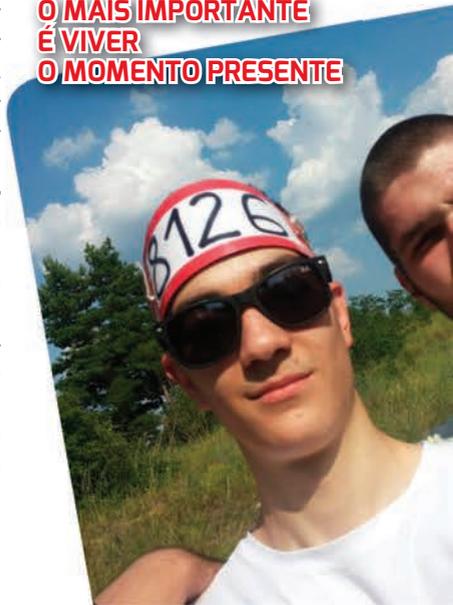
«Não sei como agradecer a todos por esse grande apoio, em especial ao amigo que iniciou essa "avalanche" e que preencheu meu coração com uma frase simples: "Você é o melhor presente para mim". Sou grato também

a quem me surpreendeu e me encorajou com uma carta, ajudando a cancelar os pensamentos negros e me dando confiança num mundo diferente e melhor; a quem encontrou tempo de vir me visitar; a quem preparou pratos especiais para o meu almoço. Um obrigado especial à minha família: sem eles acho que eu não teria superado tudo isso».

Que mensagem você pode enviar aos jovens que leem o Teens?

«Aprendam com o passado, façam planos para o futuro, mas o mais importante é viver o momento presente. Saibam que a verdadeira felicidade se alcança com pequenos gestos de atenção e não se preocupem com o amanhã, porque assim vão se sentir muito melhor! Se tiverem pensamentos negativos, transformem logo em pensamentos positivos; se fizerem assim, com o tempo eles desaparecerão. Amem quem passa ao lado de vocês e sejam sempre agradecidos por tudo aquilo que têm».

**O MAIS IMPORTANTE
É VIVER
O MOMENTO PRESENTE**



Não existem escolhas neutras

Teresa Mazzullo

As nossas compras orientam a economia. O que podemos fazer, desde cedo, para realizar uma sociedade mais justa.



ENTREVISTA A
LUIGINO BRUNI,
ECONOMISTA.
INICIATIVAS PARA
UMA SOCIEDADE
MAIS JUSTA

Vamos começar dizendo quem é Luigino Bruni, o seu papel dentro da sociedade, os seus interesses.

«Nasci em 1966, na cidade de Ascoli Piceno/Itália, e hoje trabalho como economista, mas com interesses que vão além dessa área (história, filosofia, teologia). No Movimento dos Focolares, do qual faço parte desde os 15 anos, eu me dedico principalmente à Economia de Comunhão, que Chiara me confiou em 1998. A grande paixão destes anos é a EdC, que me permite girar pelo mundo inteiro e encontrar muitas pessoas, sobretudo muitos pobres. Trabalho também com economia civil, social e giro pelo mundo dando conferências e participando de congressos. É um pouco cansativo, mas traz muita alegria».

O que significa “uma economia mais justa?”

«A economia é uma fotografia da vida e das relações sociais. Portanto, numa sociedade como a nossa, onde os interesses pessoais e a busca do prazer tornaram-se um culto, é lógico que a economia reflete e amplifica os interesses e a busca do prazer. Mas quem, como eu, tem no coração o ideal do mundo unido, não pode se contentar com a economia como é agora, é preciso fazer mais e algo diferente, sobretudo para os pobres e para os excluídos do banquete dos ricos».

Você acha que é possível realizá-la?

«Claro, já a estamos realizando, na EdC e em muitas experiências maiores do que só o dinheiro. Se olharmos bem, com o olhar

certo, o mundo está cheio de pessoas que já vivem uma economia diferente: muitas dessas pessoas vivem ao nosso lado, na nossa cidade, no nosso bairro, precisamos somente aprender a reconhecê-las e de vez em quando agradecê-las (nada dá mais alegria e coragem a um empreendedor decente do que um obrigado dito por um jovem)».

Como um jovem pode realizar no seu ambiente esse modelo positivo de vida na economia?

«Os jovens e as jovens podem fazer muito, porque eles são a profecia da sociedade. Basta pensar no movimento Slot Mob: são muitos jovens que participam dessas festas civis nas quais dão prêmios aos bares que retiraram as máquinas caça níquel. Mas é preciso fazer mais do que isso. Ter cada vez mais consciência das dimensões éticas dos produtos. E mesmo se ainda não estão na idade de votar, porque são menores, podem 'votar' comprando (ou pedindo aos pais e aos adultos que comprem) aqueles produtos que incorporam ética e mais justiça. Vamos olhar o mundo dos smartphones, que fascinam tanto (talvez até demais) os adolescentes. Existe um smartphone, chamado Fairphone, que é smart como todos os outros, mas é muito mais smart no plano ético e da justiça, na escolha dos materiais que não produzem guerra, no tratamento dos trabalhadores, no respeito pelo ambiente. Seria maravilhoso ver os jovens do Movimento Juvenil pela Unidade com esses Fairphone: seria um testemunho e um modo concreto de ser pioneiros de uma economia diferente (e custa a metade dos concorrentes)».

Em quais sites podemos encontrar informações?

«Primeiramente no site da Economia de Comunhão, que é bem rico e cheio de informações e experiências (www.edc-online.org), depois no próprio site do Fairphone (www.fairphone.com/) ou no do Oxfam (<https://www.oxfam.org/en/grow/campaigns/behind-brands>), onde vocês podem encontrar a avaliação ética, a pontuação, de muitos produtos de alto consumo, a partir dos cornflakes para o café da manhã. Nenhuma escolha é neutra, e desde o café da manhã até o jantar precisamos ter consciência de que, como muitos liliputianos, podemos orientar o gigante Gulliver, para fazer com que ele se torne mais justo».

EdC

A Economia de Comunhão (EdC), fundada por Chiara Lubich, em maio de 1991, em São Paulo, envolve empreendedores, trabalhadores, consumidores, poupadores, cidadãos, estudiosos, gestores econômicos, todos os que estão envolvidos nos vários

níveis para promover uma prática e uma cultura econômica impregnada pela comunhão, pela gratuidade e pela reciprocidade, propondo e vivendo um estilo de vida alternativo ao estilo dominante no sistema

capitalista.



Slot Mob

É uma campanha de apoio em favor dos bares e locais que renunciam ao ganho fácil das máquinas caça níqueis, expondo-se pessoalmente para combater uma chaga social que se espalha como epidemia. Na Itália, realizaram manifestações em todas as regiões, atraindo pessoas de todas as idades.





Eu e os pobres

FRENTE A
FRENTE COM A
POBREZA. COMO
RENOVAR AS
RELAÇÕES
PESSOAIS

Entrevista com Cristina Calvo, política argentina, especialista em economia do desenvolvimento, na primeira fila no campo social.

«Eu acho que Deus me colocou nesta terra para que eu viva e passe por esse mundo procurando torná-lo melhor do que eu o encontrei». É assim que Cristina Calvo responde a quem lhe pergunta o motivo do seu compromisso apaixonado na política e no social. Jovem política argentina, Cristina é responsável pela Área Internacional da Caritas do seu país, e trabalha há anos com grupos e associações que atuam para combater a pobreza. Atualmente é também professora da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Buenos Aires. Uma delegação de Teens encontrou-se com ela durante uma sua viagem pela Itália. «Sinto que a minha vocação – ela nos explicou ao se apresen-

tar – é buscar aprender com os outros, enriquecendo-me com todos. E quando uma pessoa está vulnerável, na pobreza, ou sofrendo, ou sentindo alguma dor, temos de buscar juntos uma saída para que ela tenha uma vida mais digna».

Como nasceu o seu engajamento no campo social e político?

«Eu estudei economia, não só porque gostava, mas porque eu queria ajudar a resolver os problemas da humanidade. Para fazer isso não só em teoria, mas também na prática, eu me envolvi em atividades sociais e, em seguida, na política. Comecei a me envolver em política, em particular para acompanhar os jovens que querem mudar a política. Neste momento, um pouco em todo o mundo, de fato, a política está em crise porque, embora haja muitas pessoas honestas, ela não está trabalhando para o bem comum. Na Argentina, houve um despertar dos jovens

para o compromisso político, que está sendo visto como uma ferramenta de transformação social. É muito difícil, porque há uma liderança política em todo o mundo que não deixa espaço para os jovens, mas estamos procurando acompanhá-los para que o “fogo” não se apague dentro deles, aquele fogo que os leva a querer mudar a realidade».

Há anos você trabalha em contato com muitas formas de pobreza. O que significa para você?

«No século XXI, falar de pobreza significa acima de tudo ouvir seja as pessoas que as instituições de cada país, porque em todos os países existem muitos tipos de pobreza. Não só é diferente a pobreza entre a Europa, África, América Latina e América do Norte, mas também dentro de cada país. Se eu pensar na Argentina, onde há os mais pobres e os mais desenvolvidos, se alguém me perguntasse o que é a pobreza no meu país, eu poderia falar de quatro ou cinco tipos de pobreza. Então, podemos dar algumas linhas comuns, mas também é preciso fazer um debate dentro de cada país. Jesus falou no Evangelho da pobreza, definindo “bem-aventurados” os pobres, ou seja, aquelas pessoas que na vida escolhem um consumo ético e sustentável. Jesus rejeitou a pobreza como um estado de injustiça, enquanto que um estilo de vida sustentável, sóbrio é positivo. Então, em vez falar de pobreza, eu gostaria de falar de exclusão.

Ser excluídos significa estar fora da sociedade. Para um jovem argentino, por exemplo, significa saber que se ele morrer ninguém se importa, sua vida não tem nenhum valor. Tem três fatores que podem ser indicados, quando se fala de exclusão. Em primeiro lugar, existem fatores estruturais, que são as injustiças enquanto resultado de um poder econômico social, como o desemprego, a injusta distribuição da riqueza. São injustiças que não devemos permitir, ou que temos de resolver. Depois, há fatores sociais, como quando num grupo social se rompe a solidariedade. Finalmente, existem fatores subjetivos que dizem respeito aos indivíduos, como, por exemplo, um jovem ou uma jovem que perdeu o sentido da vida. Quando você perde a autoestima, você também perde a oportunidade de construir uma rede social. Falar sobre vulnerabilidade e exclu-

são é unir todos esses fatores. Se temos de combater a exclusão, devemos não só obter recursos para as pessoas, mas acima de tudo tentar curar essas relações, fazer com que as pessoas recuperem o sentido de vida e do futuro».

O que você faz concretamente para ajudar os mais necessitados?

«Antes de mais nada, procuro ouvi-los, porque podemos pensar que só porque estudamos temos todas as respostas. Antes eu me aproximo, procuro conhecê-los, pergunto o nome deles, o que fazem. Depois, tento entender quais são os sonhos deles, porque talvez não percebamos que as pessoas pobres, que têm poucas coisas, têm muita criatividade, uma capacidade de inovação que, talvez, nós – com tantas ferramentas que fazem tudo por nós – não temos, reduzindo nossas capacidades de superar as dificuldades. Portanto, primeiramente, eu os escuto, procuro conhecê-los para entender suas necessidades; mas não só. Às vezes, eles já sabem como sair daquela situação, mas não têm a oportunidade nem as possibilidades para isso. Nunca atuo sozinha, mas procuro reunir as pessoas que podem contribuir para aproximar as pessoas e as oportunidades: empreendedores, políticos, associações, estudiosos. Envolve até os meus alunos da universidade, com os quais avalio algumas saídas. Então, não faço nada sozinha, mas envolvo outras pessoas que têm a minha vocação: a de não serem felizes sozinhas, mas de poderem ser felizes ao lado dos outros».

ENVOLVO OUTRAS PESSOAS QUE TÊM A MINHA VOCACÃO: A DE NÃO SEREM FELIZES SOZINHAS

